

ALVES, Andréa Moraes. *A Dama e o Cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 152 páginas.

Lúisa Berlitz*

Nem a idade, nem o preconceito. Nada tira as mulheres da pista de dança. Pelo contrário: em *A Dama e o Cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*, publicado pela FGV Editora, Andréa Moraes Alves prova que as idosas dão um baile. Com o corpo em forma e ágil, capaz de ser exibido no ritmo de qualquer dança de salão, as mulheres com mais de 60 anos ainda são tratadas como damas e, respeitando a lógica do cavalheirismo, elas subvertem a imagem de “velhas” e tomam a iniciativa, contratando parceiros masculinos décadas mais jovens para dançar.

O livro é a versão resumida e modificada da sua tese de doutorado, orientada pelo antropólogo Gilberto Velho e defendida em 2003. Na pesquisa, a autora acompanhou mulheres entre 60 e 70 anos das classes médias cariocas nos eventos denominados “bailes-ficha”, bailes “normais” e bailes da terceira idade em diferentes bairros do Rio de Janeiro (RJ). Seguindo a trajetória dos informantes, a autora faz um mapa da cidade, apresentando os significados de cada região e de seus respectivos bailes para os frequentadores.

Na Zona Sul, mais aberta à inovações, não há um dia da semana – segundo suas fontes – que não tenha baile-ficha, a oportunidade das mulheres dançarem com instrutores (uma ficha custa R\$ 1,00 e dá direito a uma dança de, aproximadamente, três minutos). No Centro, no Catete, em Botafogo e inclusive no subúrbio, lugares onde surgiu a dança de salão, são realizados os bailes tradicionais, conhecidos como “normais” ou “comuns”, os mais heterogêneos da pesquisa. Diferentemente dos demais, este tipo de baile costuma ocorrer à noite, nos finais de semana, com valor de entrada mais caro, mas sem cobrança de ficha – supõe-se que as pessoas levam seus pares. Para participar sem precisar esperar ser tirada para dançar, as senhoras de mais idade dividem o aluguel de um *personal dancer*, que, como um bom

* Acadêmica de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho final da disciplina Leituras Etnográficas, ministrado pela professora Doutora Cornélia Eckert. E-mail: luisa.berlitz@gmail.com

cavalheiro, chega ao baile com sua(s) acompanhante(s) e só se despede dela(s) quando já estão na porta de casa. Além de um cachê pela companhia, ele tem todos os gastos pagos.

Os bailes da terceira idade são promovidos por associações como o Serviço Social do Comércio (SESC) e pela Prefeitura do Rio de Janeiro, bem como bailes organizados no subúrbio e na Zona Norte do Rio. Apesar de não ser proibida a entrada de pessoas mais jovens, a autora observou a existência de uma grande rejeição a esses eventos pelas idosas que gostam de dançar: “Na opinião das mulheres, os bailes da terceira idade são muito limitadores, porque neles as pessoas – diga-se os poucos homens que os freqüentam – não estão atualizados com as ‘novas maneiras de se dançar’, pois só sabem o ‘dois pra lá, dois pra cá’” (p. 31). Na dança de salão, o cavalheiro guia o movimento, mas os homens de sua faixa etária raramente participam de aulas de dança. Para Andréa, os bailes da terceira idade são um verdadeiro paradoxo. São explicitamente procurados pela possibilidade de iniciar uma relação amorosa, mas os homens mais velhos acabam preferindo mulheres mais novas, e elas, dançarinos jovens.

Ainda que aborde as três variedades de baile, Andréa aprofunda-se mais nos bailes-ficha e nos “normais”, principalmente pela polêmica gerada pelos “cavalheiros de aluguel”, um grande mérito da autora – afinal, os bailes da terceira idade são os únicos legitimados para os “velhos”. A sociabilidade é maior nos bailes onde a sociedade mais ampla está presente, como o baile-ficha e os tradicionais. Nesses, as senhoras impõem sua identidade como mulheres idosas, mas ainda capazes de dançar e de exibir seus corpos.

A autora aproveita, assim, para desmistificar a imagem de “velhinhas assanhadas” e de “rapazes aproveitadores de velhinhas inocentes” das duplas. Mesmo que exista interferência econômica na relação, durante o jogo de faz-de-conta da dança de salão, todos agem para que os papéis de dama e de cavalheiro sejam desempenhados de acordo com a norma do cavalheirismo. A autora vê o *personal dancer* como um passaporte para o mundo da dança, um meio de circulação para que as mulheres idosas não sejam excluídas da pista e também para que os rapazes entrem no mercado de trabalho. “O contrato garante a elas a oportunidade de ir a outros tipos de baile, sem restringi-las ao circuito da terceira idade” (p. 30-31).

Nessas situações, os dançarinos não são reconhecidos como profissionais, interpreta Andréa, apenas por receberem dinheiro de “mulheres velhas”, um preconceito que sobressai à classe social, cor, raça, origem, for-

mação educacional ou idade, características que são, em geral, totalmente opostas nos pares observados. Por serem, em sua maioria, homens negros, os instrutores não são discriminados por questões étnicas, pois a imagem da dança de salão já estaria vinculada como seu lugar legítimo.

Nesse espaço de sociabilidade (a partir da definição de Georg Simmel, como “[...] forma lúdica de associação [...]”), essas mulheres se realizam pessoalmente, construindo uma identidade como mulher fora da esfera doméstica – geralmente pela primeira vez em suas vidas e, em alguns casos, também sob recomendação médica. “A manutenção de uma vida ativa na velhice significa poder viver o que lhes foi negado no passado” (p. 112). Norbert Elias é outro pilar teórico da pesquisa, de quem traz o conceito de “atividades miméticas”, considerando que ações como o cinema e a dança possibilitam viver emoções fortes em público.

Em toda a obra, Andréa Alves mostra-se bastante auto-crítica, consciente de sua posição nos bailes e de suas imperfeições. Os capítulos são bem divididos e amarrados, com linguagem objetiva. Entre várias referências, cita seu diário de campo, mas dedica o penúltimo capítulo para analisar seu trabalho etnográfico e revelar estranhamentos e informações de bastidores. Sua pesquisa partiu da observação participante (até dançando nos bailes) e de entrevistas individuais gravadas em ambientes reservados, como as casas dos informantes (dançarinas e dançarinos, que ganharam nomes fictícios). Sempre que possível, comparava seu estudo a trabalhos semelhantes, como a dissertação de mestrado *O Baile: estudo antropológico dos bailes da terceira idade em Curitiba*, de Fátima Silva de Freitas (2000), publicações de Myriam Moraes Lins de Barros sobre mulheres na terceira idade e o livro de Paul G. Cressey, *The Taxi Dance Hall: a sociological study in commercialized recreation and city life* (1969), um caso inverso ao dos *personal dancers*, no qual as dançarinas recebiam o dinheiro em Chicago, nos anos 1920.

No entanto, são deixados de lado dois pontos importantes: a sexualidade e a família. Não há depoimentos que comprovem o apoio familiar aos bailes, apenas a versão das mulheres, que garantiam que sim. Os parentes sequer foram ouvidos.

A sensualidade da dança a dois e o inevitável envolvimento entre os corpos no baile, assim como a possibilidade de uma ligação emocional com determinados instrutores, não são negados, já que a dança seria um exercício de sedução. A autora deixa claro (p. 64) que seu ponto de investigação não

é descobrir se as senhoras chegariam, de fato, a ter relações sexuais com os dançarinos. Isso é tema da pesquisa que começou a desenvolver em 2004, *Mulheres, Sexualidade e Velhice*, que aborda, através de entrevistas abertas, a experiência afetiva e sexual de mulheres idosas na cidade do Rio de Janeiro. Talvez os resultados obtidos possam enriquecer as páginas de *A Dama e o Cavalheiro* numa próxima edição ou rendam um novo livro sob um assunto tão relevante na sociedade hoje, preocupada com o uso de preservativos na prática sexual da terceira idade.

Em *A Dama e o Cavalheiro*, Andréa Alves já propõe algumas questões que devem estar incluídas em suas investigações atuais. Mesmo que suas fontes tenham se assumido indiferentes ao sexo, para elas é importante cultivar a identidade como mulher, o cuidado com o corpo e a beleza física. A autora coloca esse universo particular da experiência da dança de salão na terceira idade no contexto do tempo e do espaço. De um lado, o culto ao corpo é uma cultura comum em outras faixas etárias cariocas. Já a busca por individualidade, por experiências independentes de outras esferas de suas vidas, seria uma tendência da sociedade complexa contemporânea. A experiência das mulheres de terceira idade estudadas estaria de acordo, ainda, com a trajetória de sua geração.